



A Comunicação através do *Quenya* para além da obra de J. R. R. Tolkien¹

Letícia Gabriella Carvalho de OLIVEIRA ²

Lauro Almeida de MORAES ³

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, MG

RESUMO

Criado por J. R. R. Tolkien, o *Quenya* é um idioma élfico que ultrapassa as barreiras literárias para o âmbito real, conquistando estudiosos e falantes. Por meio de pesquisa exploratória, documental e bibliográfica e com o objetivo de identificar como se dá a comunicação através deste idioma, este artigo correlaciona linguagem, comunicação, semiótica e filologia, a fim de explicar o fenômeno da linguística tolkieniana e sua divulgação através dos meios de comunicação. Identificou-se que a tradução intersemiótica realizada entre os livros e os filmes e os portais e fóruns temáticos na internet, são as principais mídias responsáveis pela disseminação deste dialeto no plano concreto.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Ficção; Linguagem; Mídia; *Quenya*.

INTRODUÇÃO

É possível comunicar de diferentes formas e para diversos fins. Através de gestos e olhares, tanto pela oralidade quanto pela escrita. Não apenas se fala ou escreve, mas o faz em determinada língua, em um idioma aprendido, seja ele nativo ou adquirido. Há conceitos pré-determinados: uma vez que um dialeto possui uma evolução própria dentro da sociedade e uma estrutura capaz de possibilitar o diálogo, além de uma comunidade que o tenha como língua nativa, ele é um idioma, e como tal, instrumento de comunicação (SAUSSURE, 2006).

Por toda a vida, o escritor e filólogo⁴ britânico John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) dedicou-se a estudar os mais variados idiomas e também à criação de seus próprios. Autor dos livros *O Hobbit* (1937), *O Silmarillion* (1977) e da trilogia *O Senhor dos Anéis* (1954), Tolkien inventou diversas línguas, para posteriormente criar

¹ Trabalho apresentado no IJ8 - Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Jornalismo; Universidade Vale do Rio Doce; Governador Valadares, Minas Gerais.
leticia.gabriella@outlook.com

³ Orientador do trabalho. Coordenador do Grupo de Estudos em Territórios Midiáticos e professor dos cursos de Jornalismo e Produção Publicitária da Univale, lauro.moraes@univale.br

⁴ Filologia: Estudo da língua em toda a sua amplitude e dos escritos que a documentam. Filólogo; filológico. (Dicionário Aurélio, 7ª Edição, 2009).



através de narrativas fantásticas os mundos aos quais estas pertenciam e seus respectivos falantes. E foi em meados de 1915, que começou a desenvolver aquele que seria o mais popular e completo de seus idiomas fictícios: o Alto-Élfico, conhecido como *Quenya* (ou *Qenya*).

Muito se discute se as línguas criadas por Tolkien podem ser chamadas de idiomas, uma vez que não possuem um grupo fixo de falantes, nem mesmo são línguas nativas de determinado lugar (HOSTETTER, 2007). Para alguns, elas não existem, não podendo assim ser instrumentos de comunicação. Obviamente elas não se caracterizam como objetos físicos, tangíveis, mas é claro que esta característica é comum a todos os idiomas (DUBOIS, 1973). Os dialetos criados pelo autor são tão reais quanto qualquer outro idioma construído, uma vez que, segundo o próprio Tolkien "eles possuem alguma existência, uma vez que eu os compus em alguma integridade" (TOLKIEN, J. R. R. 1981, p. 175).

Aqui se inicia o que este artigo busca compreender. Será possível se comunicar através de um idioma inventado, fictício, saído de uma literatura fantástica, como a de Tolkien? Desde a criação do *Quenya*, quando o autor tinha seus vinte e três anos, até hoje, quarenta e dois anos após sua morte, diversas pessoas mundo afora têm se dedicado ao estudo e ao ensino de seus idiomas, principalmente do Alto-Élfico. Fato que faz com que o *Quenya* ultrapasse as barreiras da narrativa literária, para além da obra de J. R. R. Tolkien.

Com o objetivo de analisar a comunicação através do *Quenya*, este trabalho pretende identificar os instrumentos comunicacionais utilizados para a disseminação deste dialeto no plano concreto. Sendo uma pesquisa de natureza exploratória, como procedimento metodológico realizou-se pesquisa bibliográfica que contemplou obras das áreas da Comunicação, Semiótica e Linguística, além de pesquisa documental envolvendo as obras de J. R. R. Tolkien e levantamento de dados nos portais *Valinor* e *Ardalambion*.

Decidiu-se então dividir o trabalho em quatro eixos temáticos, abordando a comunicação como traço identitário, os conceitos lingüísticos que se aplicam ao *Quenya*, a vida, obra e filologia tolkieniana e através de quais meios a linguagem criada no âmbito fictício ultrapassa as barreiras do imaginário e passa a ser usada – mesmo que por um pequeno grupo – no plano concreto, utilizando-se dos conceitos de tradução intersemiótica desenvolvido por PLAZA (1987) e cultura de massa, de MORIN (1997).



A COMUNICAÇÃO COMO TRAÇO IDENTITÁRIO

A necessidade de comunicação é inata do ser humano. Porém, de acordo com Martino (2001) é fundamental que - primeiramente - busquemos compreender o conceito de comunicação. O autor esclarece que a expressão "comunicação" tem origem no latim *communicatio*. Deste, podemos extrair três elementos distintos, sendo eles: a raiz *muniz*, que significa "estar encarregado de"; o prefixo *co*, que representa reunião, e a terminação *tio*, que expressa a ideia de atividade. Comunicar seria então uma atividade realizada conjuntamente, com a finalidade de expressar significados.

Ainda segundo Martino (2001), a origem do termo reside na necessidade de romper o isolamento. Trata-se da prática de algo desenvolvido pelos seres e não relações sociais natas. Para que se possa romper o isolamento, o autor aponta que é necessário cunhar uma nova palavra ou expressão para exprimir as experiências proporcionadas por esta nova prática. A comunicação apresenta-se, portanto, como sendo o produto de um encontro social, e exprime uma ação que acaba por reunir os membros de determinada comunidade. Para Amaral (1977, p. 30), "O homem é por essência um ente social, está no mundo, ou seja: tem história. Sua natureza é comunicar". Ainda segundo o autor,

[...] Heidegger, porém, vai mais longe. Radica a coexistência, que o homem é na linguagem em que, apropriando-se das coisas, diz o ser. [...] o espaço da comunicação é o homem. A proximidade de ambos é sintagmática, copertinente: essencial. Comunicar é a essência do homem. (AMARAL, Márcio Tavares, 1977 p. 31).

Martino (2001) explica que entendemos por comunicação, sobretudo, o que representa diálogo, onde emissor e receptor trocam ideias, informações ou mensagens de forma oral, escrita ou gestual. Thompson (1998) destaca a existência de três tipos distintos de interação social: a interação face a face, a mediada e a quase mediada. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação – que antes ocorria quase que inteiramente em um contexto de copresença – adquire novas formas e criam-se novos tipos de relacionamento social.

Há uma complexa reorganização dos padrões de interação humana, e as interações mediadas, como através de livros ou pela internet, ganham cada vez mais espaço. Estas formas de interagir implicam o uso de um meio técnico, uma mídia que



possibilita a transmissão de informação e também conteúdo simbólico. França (2001) salienta que, desde os primórdios da humanidade, nos primeiros agrupamentos humanos, os seres já se comunicavam de alguma forma, a seu próprio modo. Bakhtin (1975) defende que,

Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada [...] A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas, ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. (BAKTIN, Mikhail. 1975 p. 15).

Uma mensagem ou informação não se torna comunicação a não ser que possua significado (FRANÇA, 2001). As palavras configuram-se como signos (PIERCE, 1977; SAUSSURE, 2006) que representam algo para os indivíduos que conhecem seus significados e os compartilham.

O QUENYA E A LINGUÍSTICA: SOCIOLETO E PIDGIN

As línguas nascem como fenômenos espontâneos e se desenvolvem, deste modo, todas aquelas atualmente utilizadas, seja na comunicação oral ou escrita, são chamadas *línguas vivas* ou *naturais*. Para Saussure (2006), a língua configura-se primordialmente como um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade. Em seu interior, distinguem-se dois meios diferentes de comunicação, cada um dotado de seu próprio sistema, sendo eles a *língua escrita* e a *língua falada*. Amaral (1977) diz que, “[...] linguagem é uma estrutura de sinais. Comunicação é a troca de signos no corpo social. A proximidade entre as duas é evidente”.

Retomando o pensamento de Saussure (2006), a língua pode ser considerada como um sistema de relações, como um conjunto de sistemas ligados uns aos outros. Seus elementos (sons, palavras, etc.) não possuem valor, independentemente das relações, tanto de equivalência quando de oposição que os unem. Segundo o autor, cada língua acaba por apresentar este sistema gramatical implícito, tornando-se comum ao conjunto dos falantes desta língua. Neste sentido, a língua configura-se como um produto social, um contrato coletivo, ao qual todos os membros de determinada comunidade devem submeter-se em bloco, se quiserem se comunicar (DUBOIS, 1973). No conceito saussuriano, a língua é um tesouro depositado pela prática da fala nos



indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade (SAUSSURE, 2006). Este conceito é útil na tentativa de esclarecer a natureza linguística dos idiomas tolkienianos.

O *Quenya*, criado por J. R. R. Tolkien, é considerado um idioma ficcional. Deste modo, os conceitos aplicados às línguas naturais não se aplicam a ele, e toda tentativa de utilizá-lo no âmbito real é uma tentativa de emular a ficção, ou seja, trazer para a realidade uma língua criada artificialmente. Ainda que ele obedeça certos critérios, do ponto de vista estrito da linguística não pode ser caracterizado como uma língua de fato, no sentido de língua viva ou natural de Saussure (2006).

Entretanto, como instrumento comunicacional de um determinado grupo de indivíduos, o mesmo pode ser aproximado do conceito de socioleto, que Dubois (1973, p. 561) define como “[...] o conjunto dos usos de uma língua própria de um grupo de indivíduos; um idioma falado por um grupo social específico”. A partir do momento que o caracterizamos como uma forma definida de linguagem, este também pode ser considerado um *Pidgin*, uma vez que surge da intercessão de três línguas, respectivamente o Grego, Latim e o Finlandês. Segundo Tolkien (1981),

A língua arcaica da tradição foi concebida como um tipo de "Latim Élfico" (Even-Latin), e pela sua transcrição para a escrita parecer proximamente com o Latim... a similaridade visual com o Latim havia aumentado. Realmente, poderia ser dito que é composto de uma base de Latim com dois outros (principais) ingredientes que vem me dar um prazer "fonoestético": Finlandês e Grego. É, contudo menos consonantal que qualquer das três. Essa língua é o Alto Élfico ou, em seus próprios termos, *Quenya* (Élfico). (TOLKIEN, 1981, p. 176).

Especula-se que, para se tornar uma língua natural ou viva, transpondo os conceitos apresentados, é necessário que o *Quenya* deixe o ambiente restrito de fãs e estudiosos da obra de Tolkien e sofra modificações, passando novamente por um processo de intercessão de línguas, deixando assim, sua essência estritamente tolkieniana.

J. R. R. TOLKIEN: VIDA, FILOLOGIA E OBRA

De acordo com Valinor (2013) o britânico John Ronald Reuel Tolkien nasceu em três de janeiro de 1892, em Bloemfontein, na África do Sul. Filho de Arthur Reuel Tolkien (1857 - 1896) e Mabel Suffield Tolkien (1870 - 1904) foi escritor, filólogo, poeta e



professor universitário. Mais conhecido pelas obras *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954) e *O Silmarillion*, Tolkien é popularmente identificado como pai da moderna literatura de fantasia, uma vez que suas obras inspiraram muitas outras do gênero e obtiveram efeito duradouro sobre a totalidade do campo. Após sua morte, em dois de setembro de 1973, seu filho Christopher John Reuel Tolkien publicou uma série de obras com base em notas e manuscritos inéditos de J. R. R. Tolkien, incluindo a obra *O Silmarillion* (1977).

Segundo Hostetter (2007), ainda aos três anos de idade, Tolkien mudou-se para a Inglaterra, juntamente com a mãe e o irmão mais novo, Hilary Arthur Reuel. Mabel alfabetizou seus dois filhos em casa, e lhes ensinou noções de latim. Conforme relata o autor, Tolkien era um aluno dedicado, e pouco depois de completar quatro anos já era capaz de ler e escrever fluentemente. Aos dezesseis anos conheceu Edith Mary Bratt, que viria a ser sua esposa.

Em 1916, quando o Reino Unido foi engajado na luta contra a França na I Guerra Mundial, Tolkien voluntariou-se para o serviço militar. Ferido e sem condições de permanecer servindo, foi enviado de volta para a Inglaterra. Durante o período em que se recuperava, começou a trabalhar no que chamava de *The Book of Lost Tales*, que viriam a se tornar mais tarde a obra *Contos Inacabados* (HOSTETTER, 2007).

Com o término da I Guerra Mundial, trabalhou na Universidade de Oxford com a história e a etimologia das palavras de origem germânica. Em 1920, assumiu o cargo de leitor de Língua e Literatura de Inglês na Universidade de Leeds e em 1924 tornou-se professor. Em 1925, voltou à Oxford como professor de anglo - saxônico, obtendo uma bolsa em Pembroke College, onde escreveu *O Hobbit* (1937) e os dois primeiros volumes da trilogia *O Senhor dos Anéis* (1954). A obra só seria concluída em 1948, quase uma década após os primeiros esboços. Em 1945, mudou-se para Merton College, Oxford, tornando-se professor de Inglês, cargo no qual permaneceu até a sua aposentadoria em 1959 (VALINOR, 2013).

HISTÓRIA DO *QUENYA*: OS IDIOMAS ÉLFICOS E A FILOLOGIA DE TOLKIEN

A origem externa do *Quenya*, por assim dizer - também escrito como *Qenya*, *Qendya*, *Quendya* e conhecido como Alto Élfico - tem seu início a partir de 1915. Conforme relata Hostetter (2007), ainda com vinte e três anos, Tolkien iniciou a estruturação



daquele que seria um de seus mais complexos idiomas através da criação do *Qenya Lexicon*, uma das primeiras listas de palavras élficas. Nos anos que se seguiram, inúmeras revisões tanto na gramática quanto no vocabulário foram feitas, culminando em um *Quenya* quase maduro em meados dos anos 30.

[...] o que eu penso é um "fato" primordial sobre o meu trabalho, que é todo da mesma espécie, e *fundamentalmente linguístico* [grifo do autor] em inspiração [...] Isto não é um "hobby", no sentido de alguma coisa totalmente diferente do meu próprio trabalho, tomado como uma válvula de escape. A invenção de idiomas é a base. As "histórias" foram feitas especialmente para fornecerem um mundo para os idiomas, não o contrário. Para mim um nome vem primeiro e a história o sucede. [...] Isto é pra mim, de qualquer forma, largamente um ensaio em "estética linguística", como eu às vezes digo às pessoas que me perguntam "sobre o que é isso tudo. (TOLKIEN, 1992, p. 219-220).

Por toda a vida, Tolkien continuou a modificar e refinar a linguagem do Alto Élfico. Segundo seu filho, Christopher Tolkien, o *Quenya* era a "linguagem como ele gostaria a linguagem do seu coração" (PORTRAIT, J. R. R. Tolkien a. Landseer Production, 1992.). A estrutura gramatical deste dialeto, que envolve um grande número de declinações e outras inflexões, sofre inspirações de outros idiomas, mais claramente do Grego, Latim e Finlandês. Ao estudar o processo que envolve a criação, o desenvolvimento, a estruturação e reestruturação do *Quenya*, Hostetter (2007) afirma que a história da linguística tolkieniana pode ser compreendida em uma série de estágios e interlúdios.

No primeiro estágio, denominado "Leitores e Correspondentes" (1954-1965), o *Quenya* é levado a público através do primeiro volume de *O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel*⁵(1954) publicado na Inglaterra, e admiradores passam a se corresponder com Tolkien, para sanar dúvidas e buscar informações sobre o Alto Élfico e a Fala Negra de *Mordor*. O segundo estágio, "Periódicos e Livros", que compreende o período de 1966 a 1980, é marcado pelo surgimento dos jornais *Parma Eldalamberon*⁶ em 1971 (produzido pela *Mythopoeic Linguistic Fellowship*), publicado por Paula Marmor; e *Tolkien Language Notes*, publicado em 1974 por Jim Allan.

⁵ O exemplo mais longo de *Quenya* em *O Senhor dos Anéis* é o *Lamento de Galadriel*, o poema *Namárië* ("adeus" em *Quenya*), próximo ao fim do capítulo *Adeus a Lórien* (SdA. Cap. 8).

⁶ Após trinta e seis anos, o jornal *Parma Eldalamberon* continua a ser publicado, e o atual editor é Christopher Gilson. Além dele, Bill Welden atua como co-editor dos diversos textos novos de Tolkien que aparecem no *Parma Eldalamberon* e no jornal *Vinyar Tengwar*. Ambos colaboraram com a produção do livro *An Introduction to Elvish*.



Posteriormente, as duas publicações se uniram para lançar o livro *An Introduction to Elvish (1978)*. No terceiro estágio, mais uma publicação: o jornal *Quettar (1980)*, da Tolkien Society inglesa, que segundo Hostetter (2007, p. 09),

[...] tornou-se por um tempo o herdeiro de facto do primeiro estágio da linguística tolkieniana que culminou com *An Introduction to Elvish* e das práticas acadêmicas estabelecidas por ele e pelo *Parma Eldalamberon*: para nomear, citação de evidências, atenção aos detalhes fonológicos, justificativa para alegações fonológicas e morfológicas através de exemplos de evidências atestada, e assim por diante. Um foco particular os primeiros *nastengwar*, especialmente nos modos fonêmicos delas, logo trouxeram a eles a honra de publicar a primeira tabela de numerais *tengwar* escrita por Tolkien conhecida pelo público, que foi transcrita e enviada ao editor por Christopher Tolkien.

Neste período, acreditava-se que as línguas élficas haviam surgido "prontas na cabeça do autor" (BRUM, 2002), mas comprovou-se - com as inúmeras revisões feitas por ele - que as línguas evoluíram durante a vida de J. R. R. Tolkien. Até que em 1983, com a publicação do ensaio *A Secret Vice*, três versões distintas do poema *Oilima Markirya (A Última Arca)* foram apresentadas, evidenciando as diferenças entre as dos anos 30 e a de 1970. Estes exemplos ficaram conhecidos como *Quenya pré O Senhor dos Anéis* e *Quenya do Senhor dos Anéis*. Hostetter diz que (2007, p. 11).

Implícita nesta divisão está a posição de que o "*Quenya de O Senhor dos Anéis*" era toda uma peça, que o *Quenya* havia alcançado uma forma fixa, final, à época que Tolkien escreveu *O Senhor dos Anéis* e não sofreu alterações substanciais mais tarde; e ainda mais a posição de que o "*Quenya pré Senhor dos Anéis*" era ainda experimental e imperfeito em comparação, e essencialmente não tinha... importância para as funções ou compreensão do *Quenya* tardio.

Deste modo, Hostetter (2007) observa que se criou uma divisão dentre os admiradores e estudiosos da produção linguística de Tolkien. Os que compartilhavam da primeira visão eram denominados "Concepcionistas". Estes não acreditavam que as versões mais antigas das línguas criadas por Tolkien pudessem influir ou até mesmo que eram compatíveis com as criadas posteriormente. Já os que acreditavam que as versões mais antigas poderiam revelar informações sobre a linguística tolkieniana e que estas não eram necessariamente incompatíveis com as versões tardias foram chamados "Unificadores".



Por este motivo, o terceiro estágio ficou conhecido como "Concepcionistas e Unificadores" ⁷ (1980 - 1992). Em 1990, ambos os lados estabeleceram um consenso, chegando à conclusão de que palavras ou funções gramaticais que não apareciam no material tardio não necessariamente haviam sido descartadas. "[A] inexistência de evidência logicamente não sendo equivalente a prova de inexistência." (HOSTETTER, 2007, p. 13). Segundo Shippey (1987),

[...] está claro que os idiomas que Tolkien criou foram criados por, vocês sabem, um dos mais completos filólogos de nosso tempo, de modo que deve haver então algo de interessante neles, e eu também penso que neles está derramado muito do seu pensamento e conhecimento profissional [...]. Eu frequentemente tenho reparado que realmente existem observações muito valiosas sobre o que Tolkien pensava sobre a filologia real enterrada na ficção. E eu não ficaria de maneira alguma surpreso se, vocês sabem, houvessem valiosas observações enterradas nos idiomas inventados. Então deve haver, de fato, algo que surja deles. (SHIPPEY, Tom. 1987. *Jornal Amgerthas*, 31ª Edição).

São atribuídos ao ano de 1989 três interlúdios do terceiro estágio: o surgimento do curso *Basic Quenya*, por Nancy Martsch, no jornal *Beyond Bree*; a criação de um banco de dados com todas as palavras élficas encontradas nas publicações de Tolkien, publicado privadamente sob o nome *Tolkien Working Glossary* (1989) por Paul Nolan Hyde e a publicação do *Working Reverse Dictionary*, onde a ordem das letras das palavras élficas foi invertida, tornando mais fácil a comparação entre palavras.

Pode-se citar também, em novembro de 1990, o lançamento da lista de discussão pela internet *TolkLang*, por Julian Bradfield, editor do jornal *Quettar*. Esta lista gradualmente tomou o lugar das publicações - onde aconteciam as discussões entre os estudiosos - o que culminou na suspensão do jornal *Quettar* em março de 1995. (HOSTETTER, 2007, p. 14).

Já o quarto e último estágio, denominado "Acadêmicos e Falantes", ou "Élfico e Neo - Élfico" compreende o período de 1993 até os dias de hoje. Com o objetivo de prover "descrições padronizadas atualizadas das línguas de Tolkien" (HOSTETTER, 2007, p. 19) foi anunciado em maio de 1997, através da *TolkLang*, o site *Ardalambion*, de Helge Fauskanger. Num primeiro momento, Hostetter (2007, p. 19) opina que a *Ardalambion* tem um grande obstáculo de que "Tolkien, ele mesmo, nunca se decidiu por uma única forma padrão de suas línguas." Posteriormente, afirma que

⁷ O jornal *Parma Eldalamberon* apoiava a causa "unificadora". Já o *Quettar*, os chamados "concepcionistas".

[...] a *Ardalambion* é, apesar de suas deficiências metodológicas, um trabalho impressionante, refletindo um imenso aprendizado, trabalho e paixão pelas línguas de Tolkien. Em seu escopo, detalhe e apresentação, é sem sombra de dúvidas de longe a melhor e mais compreensiva introdução às línguas de Tolkien disponível hoje, em qualquer formato [...]. (HOSTETTER, 2007, P. 19).

Em setembro de 1998, David Salo (HOSTETTER, 2007, p. 19) compilou a lista de discussão *Elfling*, que acabou por tornar-se ponto de encontro dos praticantes do chamado *Neo - Élfico*, como começou a ser chamado o ramo que tem como foco principal a construção de novos textos e a criação de uma gramática e vocabulário unificados para este fim (HOSTETTER, 2007, p. 19).

No que diz respeito à estrutura gramatical, o *Quenya* possui cinco vogais, a/e/i/o/u, curtas e longas, onde estas últimas são marcadas com um acento agudo (á/é/í/ó/ú). Há sete ditongos, sendo eles ai/au/oi/ui/eu/iu e ei (ocorrendo este último em uma ou duas palavras, e com status incerto). As palavras terminam em uma das consoantes simples t/s/n/l/r ou em uma vogal, mais frequentemente o último caso. O substantivo *Quenya* pode ser infletido em nove ou dez declinações, e, no plural, mesmo os substantivos terminados em vogal apresentam o sufixo i (como, por exemplo, *ciryai* - "barcos"). (BRUM, 2002).

O *Quenya* também tem o i como artigo definido para o/a/os/as e não há artigo indefinido, como na língua portuguesa ou inglesa. A ausência do artigo i usualmente indica que o substantivo é indefinido. Existem duas classes de verbos: uma com radicais que são apenas raízes puras sem sufixo, como *quet*- "falar" e *sil*- "brilhar", onde o padrão é (consoante-) vogal - consoante e outra onde os verbos podem ser chamados de "derivados", que possuem radicais com um sufixo, frequentemente -ya ou -ta. (BRUM, 2002).

Segundo a origem interna da língua, presente na literatura fantástica de Tolkien (1954), o Alto Élfico é o mais importante idioma da família de línguas élficas. Na terra de *Aman*, em *Valinor*, havia dois dialetos do *Quenya*: o *Vanyarin*, falado pelos *Vanyar* e o *Noldorin*, dos *Noldor*. Comparado às outras línguas élficas, o *Quenya* preservou as principais características da língua original inventada pelos Elfos quando estes acordaram no lago de *Cuiviénen* (TOLKIEN, 1954).

A palavra *Quenya* deriva do radical *Quendi* - Elfos, mas também pode ser associada ao radical *quet* - fala. Especula-se que *Quendi* significa aqueles que falam



com vozes, ou especificamente linguagem, fala. O *Quenya* também é chamado *parmalambë* (língua dos livros), *tarquesta* (Alta fala) e *Valinoreano* ou (a fala dos Elfos de Valinor). (TOLKIEN, 2006).

A DISSEMINAÇÃO MIDIÁTICA: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DA OBRA TOLKIENIANA

O *Quenya* apresenta-se como uma forma definida de linguagem e, sendo assim, instrumento comunicacional. Como tal, é disseminado através de diferentes mídias, que o permitem transpor o âmbito literário, para além da obra de Tolkien. Tomando como referência uma ideia de Morin (1997),

Esse universo imaginário adquire vida para o leitor se este é, por sua vez, possuído e médium, isto é, se ele se projeta e se identifica com os personagens em situação, se ele vive neles e se eles vivem nele. Há um desdobramento do leitor (ou espectador) sobre os personagens, uma interiorização dos personagens dentro do leitor (ou espectador), simultâneas e complementares, segundo transferências incessantes e variáveis (MORIN, 1997, p. 15).

Para Plaza (1987), tradução intersemiótica é, primordialmente, uma operação semiótica, a tradução de um determinado sistema de signos para outro. É, por exemplo, o processo de transcodificação e tradução entre Literatura e Cinema, empregando diversos suportes, linguagens e meios. De forma semelhante, Jakobson (1959) define tradução intersemiótica como a transmutação de signos, como do sistema verbal para outro de diferente natureza. Ao se adaptar os livros *O Hobbit* (1937) e *O Senhor dos Anéis* (1954) para as telas, ocorre uma tradução intersemiótica, entre a linguagem literária e a cinematográfica.

Ao propor a transformação de uma forma de arte em outra, os cineastas encontraram na literatura modelos de construção de enredo e métodos de apresentação de processos de pensamento, além de meios de lidar com o tempo e o espaço (PLAZA, 1987), resultando em adaptações. Através da tradução intersemiótica realizada a partir da obra tolkieniana, o *Quenya* passa a ser disseminado através de uma nova mídia comunicacional - o cinema - alcançando um público amplo, ou como diria Morin (1997, p. 16), “[...] destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes,



famílias e etc.). ”. Ou seja, a língua deixa o grupo restrito de leitores para alcançar um público massificado, de expectadores.

O ENSINO DO *QUENYA* ATRAVÉS DO PORTAL *ARDALAMBION* E A TROCA DE EXPERIÊNCIAS NO FÓRUM VALINOR

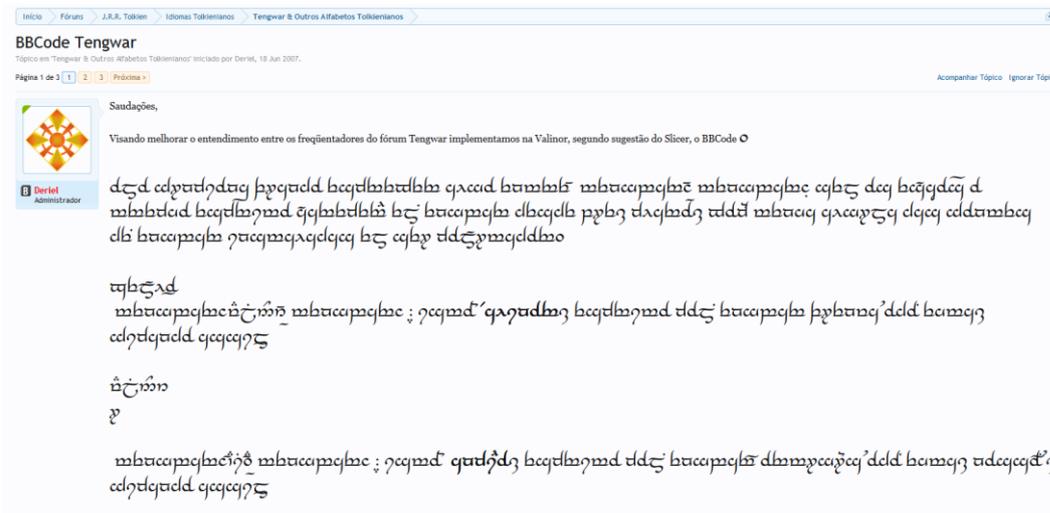
Outra mídia que exerce papel fundamental na disseminação do *Quenya* é a internet, através de portais e fóruns temáticos dedicados exclusivamente à obra tolkieniana, como o *Ardalambion*. Segundo o Tolkien Gateway (2013), o *Ardalambion* é um site linguístico voltado para as línguas criadas por Tolkien. Lançado em 1977 e mantido por Helge Fauskanger, possui artigos em ambos os idiomas mais conhecidos (o *Quenya* e o *Sindarin*) e também nos menos conhecidos (como *Telerin* e *Valarin*). Como recursos, inclui cursos voltados para o ensino e aprendizado das línguas élficas e listas de palavras (como dicionários), além de análises do corpus da obra de J. R. R. Tolkien e artigos diversos abordando palavra por palavra ou expressões da linguagem élfica. O nome *Ardalambion* pode ser traduzido como "das línguas do *Arda*" e é nativo do *Quenya* (TOLKIEN GATEWAY, 2013).

No Brasil, o site começou a ser traduzido em 2002 pelo Bacharel em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Gabriel Oliva Brum. Posteriormente, foi incorporado ao Grupo Valinor, dedicado à divulgação de todo e qualquer estudo relacionado a J. R. R. Tolkien e à linguística tolkieniana. A tradução foi autorizada pelo *Ardalambion* original, e é possível ter acesso a quase todo o conteúdo do site original em inglês traduzido para o português, incluindo os cursos de *Quenya* e *Sindarin*, além de estudos desenvolvidos por Fauskanger sobre as muitas línguas inventadas por Tolkien (BRUM, 2002).

Atuando em conjunto com o *Ardalambion* brasileiro, o fórum *Valinor* é parte do portal de mesmo nome, e configura-se como espaço de troca de experiências sobre a obra de Tolkien e seus idiomas, principalmente o *Quenya* e o *Sindarin*. (Figura 1).



Figura 1 – Fórum de discussão em *Quenya* no Fórum Valinor.



Fonte: Fórum Valinor.

Segundo BRUM (2002), o portal Valinor é resultado da fusão ocorrida em 2001 entre os antigos sites *Calaquendi* e *Pelessor*, e a criação do fórum tem como finalidade disponibilizar um espaço para que os indivíduos interessados na obra e linguística tolkieniana possam trocar experiências e tirar dúvidas. Formado por tópicos de discussão, o fórum trata de diversas vertentes de estudo dentro da obra geral de Tolkien.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação midiática é um instrumento mobilizador e viabilizador de consenso. Conforme destacam obras basilares e pesquisas recentes em comunicação, a mídia tornou-se o principal referencial de mundo, apreendendo em si toda a experiência da vida contemporânea. Deste modo, os indivíduos formam grande parte de suas ideias, concepções e atitudes a partir do conteúdo dos meios de comunicação, pois neles conhecem e reconhecem o seu mundo.

Os meios não só propagam o próprio discurso, bem como canalizam em si as formas de discurso produzidas, disseminando-as ao seu modo. Sendo assim, o que faz a língua criada em meados de 1915 no âmbito fictício se tornar um dialeto tecnicamente utilizável são os meios através dos quais ela ganha visibilidade, como os portais temáticos na internet, os livros, os filmes e os estudos desenvolvidos no meio acadêmico, apresentando assim, o *Quenya* ao público amplo. Desta forma, o que antes



era restrito a um pequeno grupo, ganha visibilidade e ampliação do alcance através de novas mídias, sendo elas o cinema e a internet, e cresce o número de interessados na linguística tolkieniana, reforçando seu papel como instrumento comunicacional e também como traço de unificação destes indivíduos, a partir do interesse comum. Isto ocorre tanto com o portal *Ardalambion* quanto com o fórum *Valinor*.

Já no que diz respeito à língua, por mais que os conceitos estritos da linguística aplicados às línguas naturais não se apliquem ao *Quenya*, o mesmo configura-se como socioleto, uma vez que é falado por um grupo social específico. Também se apresenta como *pidgin*, uma intercessão de idiomas que resulta em um novo, já que Tolkien utilizou-se de três idiomas naturais para formular o Alto Élfico (Finlandês. Grego e Latim).

REFERÊNCIAS

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

TOLKIEN, J. R. R.; CARPENTER, Humphrey & TOLKIEN, Christopher (Orgs.) **The Letters of J. R. R. Tolkien**. United Kingdom: Ed. HarperCollins. 1981.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**. Volume I: Neurose. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 1997. 9ª Edição.

AMARAL, Márcio Tavares de (Org.). **Filosofia da comunicação e da linguagem**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira /MEC, 1977.

FRANÇA, Vera Veiga (Org.) **Teoria da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 4ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

PIERCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Pierce**. In NETO, José Teixeira Coelho (Trad.). **Semiótica**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1977. 3ª Edição.

MARTINO, Luiz C. **"De qual comunicação estamos falando?"**. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga & MARTINO, Luiz C. (Orgs). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.



JAKOBSON, Roman. **On linguistic aspects of translation**. In: *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). London: Routledge, 1959 (2000).

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Ed. Cultrix. 1973. 8ª Edição.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. 2ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na comunicação da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010. 14ª Edição.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

VALINOR. **J. R. R. Tolkien: Biografia**. 2013. Disponível em: < <http://valinor.com.br/8390/>>
Data de acesso: 09 mar. 2015.

VALINOR. **J. R. R. Tolkien: Bibliografia**. 2013. Disponível em: < <http://valinor.com.br/105/>>
Data de acesso: 09 mar. 2015.

TOLKIEN GATEWAY. **Ardalambion**. 2013. Disponível em:
<<http://tolkiengateway.net/wiki/Ardalambion/>> Data de acesso: 20 abr. 2015.

ARDALAMBION. **Of the Tongues of Arda, the invented world of J. R. R. Tolkien**. 1977.
Disponível em: <<http://folk.uib.no/hnohf/>> Data de acesso: 20 abr. 2015.

HOSTETTER, Carl F. **Tolkienian Linguistics: The First Fifty Years**. 2007. Disponível em:
<<http://tolkienbrasil.com/aprenda-elfico/resumo-de-tolkienian-linguistics-the-first-fifty-years/>>
Data do acesso: 08 mar. 2015.

BRUM, Gabriel Oliva. **Então você quer aprender élfico?** Rio Grande do Sul, 2010.
Disponível em: <<http://www.ardalambion.com.br/entao-voce-quer-aprender-elfico/>> Data do acesso: 08 mar. 2015.

FAUSKANGER, Helge K. (Autor); SEELAENDER, Ingrid Lilian (Tradução). **Ardalambion: Of the Tongues of Arda, the invented world of J. R. R. Tolkien**. 1977. Disponível em:
<<http://minhateca.com.br/AdrianoMedeiros/Documentos/J.+R.+R.+Tolkien/Linguagem+-+Quenya,48359690.txt>> Data do acesso: 08 mar. 2015.

FAUSKANGER, Helge K. (Autor); BRUM, Gabriel Oliva (Tradução). **Curso de Quenya: A mais bela língua dos elfos**. 2010. Disponível em: < <http://www.ardalambion.com.br/curso-de-Quenya/>> Data do acesso: 06 mar. 2015.